

ORIENTAÇÕES SOBRE A BIBLIOTECA DIGITAL DE FOLCLORE E CULTURA
POPULAR “Profa. Neide Rodrigues Gomes”

Um dia
ainda eu hei de morar nas terras do Sem-Fim.
Vou andando caminhando, caminhando;
me misturo rio ventre do mato, mordendo raízes.
Depois
faço puçanga de flor de tajá de lagoa
e mando chamar a Cobra Norato.
(Cobra Norato. Raul Bopp)

Este trabalho só está sendo possível em função do apoio de uma Emenda parlamentar do Deputado Federal Carlos Sampaio e da sua aprovação pelo MINC - Ministério da Cultura.

Esta Biblioteca Digital “Profa Neide Rodrigues Gomes”, tem por foco dar acesso a material, livros antigos, revistas, que estão hoje muito restritas a bibliotecas com pouca ou nenhuma acessibilidade digital. É direcionado para Professoras e Professores, alunos e alunas, comunidades e interessados em Cultura Popular e Folclore.

Neide Rodrigues Gomes foi professora, historiadora e folclorista Neide Rodrigues Gomes, foi personalidade fundamental para o fortalecimento das tradições e do folclore, deixando um importante legado.

Importante:

- a. O acesso às obras é gratuito e expressamente proibida a sua comercialização.**

- b. Utilize-as para estudos, pesquisas, como material de apoio em aulas ou apresentações e sempre cite o autor e a obra, assim como a biblioteca digital “Profa. Neide Rodrigues Gomes”. O Folclore e a Cultura Popular agradecem.**
- c. Sempre contextualize os textos das obras, muitas são de 70 anos atrás e refletem um pensamento, que, para nós hoje, soa preconceituoso. Um viés crítico em sua leitura, vai permitir separar informações importantes e mostrar como houve importantes mudanças no comportamento e no pensamento social ao longo das décadas. E mesmo, como alguns comportamentos e ideias persistem.**
- d. As obras foram digitalizadas de forma a você poder selecionar e copiar trechos ou pesquisar diretamente do texto do livro no Google, facilitando sua pesquisa.**

Hoje, o folclore soa antigo, soa ausente, soa ou ressoa como uma sombra de uma cultura devorada pela civilização contemporânea. Pela urgência dos celulares, das mídias sociais, das ansiedades sociais. Vale ler o texto abaixo do Antropólogo Carlos Rodrigues Brandão e refletir sobre este eco do passado e da cultura popular que nos assombra:

O diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou. Homem e mulher, branco e negro, senhor e servo,

civilizado e índio... O outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza. É preciso domá-lo e, depois, é preciso domar no espírito do dominador o seu fantasma: traduzi-lo, explicá-lo, ou seja, reduzi-lo, enquanto realidade viva, ao poder da realidade eficaz dos símbolos e valores de quem pode dizer quem são as pessoas e o que valem, umas diante das outras, umas através das outras. Por isso o *outro* deve ser compreendido de algum modo, e os ansiosos, filósofos e cientistas dos assuntos do homem, sua vida e sua cultura, que cuidem disso. O outro sugere ser decifrado, para que lados mais difíceis de *meu eu*, do *meu mundo*, de *minha cultura* sejam traduzidos também através dele, de seu mundo e de sua cultura. Através do que há de meu nele, quando, então, o outro reflete a minha imagem espelhada e é às vezes ali onde eu melhor me vejo. Através do que ele afirma e torna claro em mim, na diferença que há entre ele e eu.

Eis que o outro que a nós se apresenta é o Folclore. Que sobrevive nas (in)diferenças sociais e nos preconceitos, constituindo uma nova periferia. Que margeia as culturas dominantes, mas que com elas interage na alteridade.

Sobre o Folclore compartilho uma visão pessoal minha; para mim ele seria o estudo dos processos adaptativos de sobrevivência da cultura popular. Muitas das manifestações ditas folclóricas, são versões e adaptações populares de contextos religiosos, culturais e políticos muito maiores. Parte da população em diversas épocas e momentos excluída das manifestações da igreja oficial, adaptava a realidade das práticas oficiais e da história oficial desta religião para uma realidade popular, usando o que dispunha no momento para demonstrar esta adaptação, como a dança, a música, a contação de histórias, e assim compartilhar da religiosidade “socialmente aceita”. Neste processo há uma profunda fusão cultural,

social e religiosa, que se traduz em novas tradições, que se perpetuam nas práticas das festas e ritos populares. Olhar para isso é ter a sensibilidade de entender este processo adaptativo popular, de fazer sobreviver o seu olhar de mundo, no território a que pertence.

Nas últimas décadas o termo folclore tem perdido apoio, tanto acadêmico, quanto de verbas e sido marginalizado; mais por desconhecimento, que por outro motivo qualquer. Há textos dos anos 1950 – 1960 que já alertam para o fato de que a crítica ao Folclore no meio acadêmico era forte, mas segundo Roger Bastide, o trabalho extenso de Mario de Andrade e de jovens pesquisadores da época como Florestan Fernandes que viria a se tornar uma das maiores referências da sociologia brasileira, tendiam a mudar isso... Não mudou, infelizmente.

Como uma área de conhecimento que surgiu no século XIX, ela se confunde em muitos aspectos com a Antropologia cultural, e em outros com a Sociologia. O termo Folclore foi criado pelo arqueólogo inglês William John Thoms em 22 de agosto de 1846. Através de uma carta enviada ao periódico Athenaeum, Thoms propôs a palavra como um neologismo para designar o estudo das antiguidades populares. A palavra é uma junção de "folk" (povo) e "lore" (conhecimento, saber, tradição), significando, em sua origem, o "saber do povo" ou "conhecimento tradicional do povo"ⁱ

Entendo este “conhecimento popular ou tradicional” como uma ferramenta de resistência e pertencimento, mesmo que ignorados da cultura oficial.

Este acervo, portanto, deve ser visto como um ato de resistência cultural, de sobrevivência de histórias e vivências, de respeito à um território imaterial e seus

entes, viventes e suas memórias, que margeiam o inexorável fluxo da cultura de consumo.

Prof Dr. Danuzio Gil Bernardino da Silva

ⁱThoms, William John. Athenaeum, 1846. (Referência à origem do termo "folklore")